A triste canção do sul (subsidios para a historia do fado)

Alberto Pimentel

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A triste canção do sul (subsidios para a historia do fado)

Alberto Pimentel

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

ALBERTO PIMENTEL

A TRISTE CANÇÃO

DO

SUL

Subsidios para a Historia do Fado

LIVRARIA CENTRAL

DE Gomes de Carvalho EDITOR

158, RUA DA PRATA, 160 LISBOA

ALBERTO PIMENTEL

A triste

canção do sul

(SUBSIDIOS PARA A HISTORIA DO FADO)

LISBOA

LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor

158--Rua da Prata--160

1904

LISBOA

Typ. de Francisco Luiz Gonçalves

80, Rua do Alecrim, 82

1904

I

Origens do Fado

Os romanos incluiam _Fatum_ na sua mythologia como sendo a vontade expressa não só por Jupiter, mas tambem pelos outros deuzes, em relação ao destino dos homens, das cidades e das nações.

Os nossos diccionaristas mencionam esta etymologia, mas interpretam-n'a sob o ponto de vista do monotheismo.

Assim, o Padre Raphael Bluteau, no _Vocabulario_, diz que, segundo a doutrina de Santo Agostinho e S. Thomaz, Fado é a disposição e providencia divina, que antevê os acontecimentos humanos.

Moraes, encostando-se tambem aos theologos, define Fado dizendo: «é a ordenança que se vê em as coisas por divina providencia.»

De modo que a differença consiste em admittir a vontade de muitos deuzes ou de um só Deus, mas o facto subsiste o mesmo tanto nas religiões polytheistas como nas monotheistas: acredita-se que o destino humano é regulado por uma auctoridade sobre-natural e tem de ser cumprido com indeclinavel sujeição.

Os nossos poetas d'outr'ora (e ainda os modernos) deixaram-se dominar pela crença na fatalidade do destino, cuja infelicidade lamentam como «escravos da sorte.»

Bastará citar o exemplo de Bocage:

Que eu fosse em fim desgraçado
Escreveu do Fado a mão;
Lei do Fado não se muda;
Triste do meu coração!

O nosso povo, á semelhança dos poetas, tem sido sempre fatalista: explica suas faltas e desgraças, e tambem sua boa fortuna, por uma imposição da lei do Fado; no primeiro caso diz: «Estava escripto no livro dos destinos ou «Era Fado; tinha de ser assim»; no segundo caso: «Tive sorte; estou em sorte, etc.»

Mas o nosso povo, com ser fatalista, no que alguns querem ver principalmente um vestigio da influencia arabe, como se o homem não tivesse acreditado sempre, mais ou menos, em todos os tempos e em todos os paizes, n'uma predestinação que lhe é imposta por um Arbitro supremo; o nosso povo, crente na fatalidade da sorte a que tem de obedecer, apenas n'um passado relativamente proximo começou a dar o nome de _Fados_ ás canções que celebram as agruras do destino e a crença na lei irrevogavel do Fado.

A accepção da palavra _Fado_ no sentido de «canção» é relativamente moderna, ou só modernamente passou do calão para o vocabulario geral da lingua e para a technologia musical.

Não apparece era os nossos mais antigos diccionarios: não vem em Bluteau (1712-1721); nem em Santa Rosa de Viterbo (1798).

Nem apparece tambem nas primeiras edições do _Diccionario_ de Moraes (seculo XIX) tanto nas duas que foram revistas pelo auctor como em algumas das que se fizeram depois da sua morte.

O _Diccionario_ de Faria, cuja 1.ª edição é de 1849, não traz, no vocabulo _Fado_, aquella accepção.

É só depois de passada a primeira metade do seculo XIX que a palavra _Fado_ apparece nos diccionarios da lingua com o significado de canção popular, já sanccionado pelo uso commum.

Lacerda, na 4.ª edição, que é de 1874, diz: «Fado, cantiga e dança popular, muito caracteristica e pouco decente: o de Lisboa, o de Coimbra».

Na 5.ª edição, 1879, não altera a definição, mas substitue a palavra Coimbra pela palavra Cascaes.

Na 5.ª edição de Moraes ainda não apparece o vocabulo _Fado_ com a significação de canção ou cantiga. Não pudemos consultar a 6.ª edição. Mas examinamos a 7.ª (1878) e foi n'esta que se nos deparou a accepção que procuravamos: «_Fado_, poema do vulgo, de caracter narrativo, em que se narra uma historia real ou imaginaria de desenlace triste, ou se descrevem os males, a vida de uma certa classe, como no _fado do marujo_, _da freira_, etc. Musica popular, com um rythmo e movimento particular, que se toca ordinariamente na guitarra e que tem por lettra os poemas chamados _fados_.»

Isto pelo que respeita aos diccionarios portuguezes.

Quanto aos estrangeiros, tambem não se encontra no _Glossarium_ de Ducange aquella accepção.

Apenas Freund, no seu diccionario latino, cita os vocabulos _Fatum_ e _Fatus_ como derivações de uma raiz commum, attribuindo a _Fatus_ tanto a significação de _destino_ como de _discurso_, o que justifica a propriedade com que se chama _Fado_ á cantiga, ao

discurso em verso que trata do _destino_, conservando-se ainda no Alemtejo a redundancia de dizer _cantigas do Fado_, para designar todas aquellas a que o _destino_ serve de thema.

Nas collecções da Bibliotheca Nacional de Lisboa ha bastantes canções populares, desde 1820 até hoje, mas em nenhuma das mais antigas se encontra a designação de _Fado_.

Intitulam-se «cantigas, romances, modas ou modinhas, etc.»

O _Diccionario erudito_ de Padre João Pacheco (1734-38) traz todas as designações de musicas, canções e danças do seu tempo, mas não menciona os _Fados_.

Nas _Infermidades da lingua, e arte que a ensina a emmudecer para melhorar_, composta pelo dr. Manuel Joseph de Paiva e publicada em 1760, vem arrolado grande numero de palavras e phrases, que o auctor, com excessivo e ás vezes injustificavel escrupulo, pretendia repellir da lingua portugueza, por as julgar indignas e improprias de um vocabulario grave.

Não apparece ahi a palavra _Fadista_; nem a palavra _Fado_ no sentido de canção ou de vida dissoluta.

Mas vem mencionada a palavra _banza_ que nós recebemos das nossas colonias africanas,[1] e que entrou na linguagem de calão d'onde passou para a litteratura humoristica, como se vê nas _Poesias_ de Costa e Silva (1844):

Encostado ás meias portas Na Banza sarrafaçava.

No fim do seculo XVIII a _Gazeta de Lisboa_ annunciava, frequentes vezes, _modinhas_ e _minuetes_, á venda nas lojas dos livreiros.

Tambem annunciava _sonatas de guitarra_. Havia em 1792 um _Jornal de modinhas_, que se vendia na Real Fabrica e Impressão de Musica no Largo de Jesus, em Lisboa. O maestro Mr. Marchal, que então teve certa voga n'esta cidade, deu á estampa uma collecção de _minuetes_ e _rondós_. Este mesmo maestro explorava a musica das ruas, glosava os pregões das vendedeiras (por exemplo, _Azeitonas novas_, com variações, peça composta sobre o pregão de uma vendedeira de Lisboa: _Gazeta_ de 26 de fevereiro de 1793). Mas a designação _Fado_ não apparece ainda em nenhum dos annuncios que recommendavam as musicas populares.

Beckford, nas suas cartas sobre Portugal, apenas se refere ás «modinhas», acompanhadas a guitarra.

É que no seculo XVIII a _modinha_ estava em voga no nosso paiz; dominava por toda a parte, até no theatro, onde Antonio José da Silva, o _Judeu_, a aproveitou como elemento essencial das suas composições dramaticas.

Theophilo Braga diz que a modinha, comquanto «seja uma creação musical do genio portuguez» se chamava _brazileira_, porque no Brazil se conservou «levada para ali pelos negociantes e colonos, e do Brazil a trouxe na sua inteireza primitiva Antonio José da Silva, que abandonára a patria aos oito annos de idade e achava n'essas cançonetas uma recordação da infancia.»[2].

Stafford, na _Historia da musica_, diz que as arias nacionaes dos portuguezes eram os _lunduns_ e as _modinhas_; Fétis falla de Hespanha, mas não de Portugal.

Em toda a graciosa collecção da _Macarronea_, que tão pittorescamente retrata a vida academica de Coimbra no seculo

XVIII, não ha noticia do _Fado_, mas sim de outras canções que os estudantes cantavam: _mille trovas_, com diz o _Sabonete Delphico_.

Na _Feição á moderna ou logração desmascarada_ vem especificadas algumas d'essas canções, portuguezas e hespanholas: «E logo dareis duas gaitadas, fazendo o compasso com o pé, e seguindo o sonoro com a cabeça. Victor quem canta; lá vae _Bella arma misera_, ou outra da moda; depois entregar a algum curioso o instrumento, sair para o meio com o chapeu na mão a desafiar algum circumstante; dar quatro voltas de pé cambeo, ou bem ou mal, que sempre no fim se-ha de applaudir com catarro. Acabada esta primeira jornada, gritareis dizendo: «Venha doce, que estou esfalfado»; e depois de consolar a barriga comendo doce _usque ad satietatem_, saireis outra vez com o segundo papel lançando uma nesga de relação antiga v. g. do _Mariscal de Viron_, ou _D. Carlos Ozorio_, intimando no furor das acções a valentia, e nos requebros da voz a ternura, cortando o hespanhol como queijo do Alemtejo com faca flamenga, e no fim correspondendo aos vivas com perna trocada.»

Nicolau Tolentino, que morreu em 1811, falla no _doce londum chorado_, nas modinhas brazileiras, cita algumas canções populares, taes como _De saudades morrerei_ e a _Comporta_; diz referindo-se á primeira,

Cantada a vulgar modinha, Que é a dominante agora;

e alludindo á segunda,

Que de noite á sua porta
Com famosos tangedores,
Que o Talaveiras conforta,

Lhe manda ternos amores
Sobre as azas da _Comporta_;

mas nem uma unica vez faz menção do _Fado_.

* * * * *

Nenhum dos poetas portuguezes que no seculo XVIII e na primeira metade do seculo XIX se tornaram mais populares emprega a palavra _Fado_ na accepção de canção ou cantiga.

É certo que alguns estrangeiros que n'aquelles seculos, e ainda no anterior, visitaram Portugal, se mostraram impressionados, como lord Beckford, com o tom plangente da musica do nosso povo.

O barão de Lahontan, que esteve em Lisboa no seculo XVII, diz que alta noite vagueavam guitarristas pelas ruas tocando umas _arias funebres como o «De Profundis.»_

Não lhes chama _Fado_, nem podia chamar, porque essa designação não era usada ainda.[3]

O erudito escriptor portuense sr. Rocha Peixoto escreveu no periodico _Nova Alvorada_ um artigo a que deu o titulo de _O cruel e triste fado_ e em que synthetisou a relação psychica existente entre o _Fado_, canção, e a orientação historica do povo portuguez.

«... o fado--pondera esse escriptor--e o que n'elle se diz de sonho, de sombra, de amor, de ciume, de ausencia, de saudade e principalmente de conformação com o cru e negro imperio do destino, eis o que exprime dramaticamente a feição da alma nacional. O fado é portuguez, é toda uma mentalidade, é toda uma Historia».

Apenas o sr. Rocha Peixoto se deixou arrastar por um flagrante

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com